Reflexão sobre o Webjornalismo Participativo: Entre o Empoderamento dos Leitores e a Credibilidade da Informação[1]

Marília Reinato CARRERA[2]
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo

O surgimento de plataformas que possibilitam a produção de conteúdo por meio de redes colaborativas de voluntários, como a Wikinews, tem permitido o aumento da participação do público no processo de produção de notícia. O desenvolvimento do webjornalismo participativo tem levado a redefinição das funções dos profissionais dentro das redações como ocorre com a transição do *gatekeeping* para o *gatewatching*. Entretanto, em uma sociedade habituada a esperar que o jornalismo seja o porta-voz do mundo real, as notícias que não possuam uma chancela de uma instituição ou um suporte de técnicas de apuração conduz à desconfiança da veracidade dos fatos pela audiência. É neste contexto que este trabalho busca promover uma reflexão sobre os riscos e as promessas do webjornalismo participativo tanto para a profissão quanto para os profissionais da área.

Palavras-chave: credibilidade; gatekeeping; gatewatching; jornalismo participativo; Wikinews.

Introdução

Conforme a divisão dos períodos do jornalismo proposta por Marcondes Filho (2000 apud FONSECA; LINDEMANN, 2007), Pré-História do Jornalismo (de 1631 até a Revolução Francesa), Primeiro Jornalismo (de 1789 até 1830), Segundo Jornalismo (da metade do século XIX até o começo do século XX), Terceiro Jornalismo (do começo do século XX até a década de 1960) e Quarto Jornalismo (da década de 1970 até a contemporaneidade), a profissão passou por diferentes mudanças significativas desde o século XVII. Especialmente o Quarto Jornalismo é caracterizado pelas tecnologias digitais, incluindo tanto as possibilidades de interatividade quanto as crises de credibilidade ocasionadas por ela (FONSECA; LINDEMANN, 2007). Entretanto, Marcondes Filho (2000 apud FONSECA; LINDEMANN, 2007) pondera que não há fatores isolados responsáveis pelas transformações que ocorrem em torno da informatização.

[1] Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Recém-formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, email: marilia.carrera@gmail.com.

> É a civilização humana como um todo que se transforma a partir de uma variável independente: a informatização. O processo digital, de tempo real, de comunicações online estabelece novos parâmetros sociais. Tudo muda. O jornalismo, bem como os valores de progresso, evolução, e razão, foram emanações de outra época histórica, foram epifenômenos da revolução industrial e da revolução industrial burguesa nos séculos 18 e 19. Não seria coerente que num momento de introdução revolucionária de técnicas de inscrição, armazenamento e reaproveitamento de informações - como é a informática - sobrevivessem derivações de outras épocas históricas. (MARCONDES FILHO, 2000 apud FONSECA; LINDEMANN, 2007, p.87)

Na linha do que Marcondes Filho (2000 apud FONSECA; LINDEMANN, 2007) chamou de novos parâmetros sociais, Fonseca e Lindemann (2007) afirmam que a Internet rompe o processo comunicacional vertical (formato um - todos) e permite o processo comunicacional horizontal (formato todos - todos) de domínio público e de caráter colaborativo dentro do jornalismo. As autoras (2007) citam Pool, que acrescenta que os novos *media* eletrônicos são tecnologias libertárias que colocam em questão hierarquias, proporcionam agregações sociais e multiplicam polos de emissão não-centralizada.

> Tal liberdade favorece o aparecimento de novas formas de interação entre os indivíduos e de novas práticas sociais. A técnica é, portanto, uma invenção humana que se insere no mundo social, em suas relações políticas, econômicas e culturais, transformando o homem, a cultura e a sociedade. Nesse sentido, a atividade jornalística na rede é resultado de uma nova estrutura que se estabelece (a partir do surgimento das inovações tecnológicas) de da remodelação de configurações já existentes (o jornalismo tradicional). E é nessa conjuntura que surgem experiências inovadoras na área, como o webjornalismo, que teve início no Brasil em 1995, e o jornalismo participativo na Internet [...]. (FONSECA; LINDEMANN, 2007, p. 88)

O webjornalismo participativo emergiu do que O'Reilly chamou de Web 2.0, segunda geração de serviços da Internet caracterizada pela potencialização das formas de publicação, do compartilhamento e da organização de informações e da ampliação dos espaços para a interação entre os usuários. Mais que a combinação de novas técnicas informáticas, a Web 2.0 envolve o conjunto de novas estratégias mercadológicas e os processos de comunicação mediados pelos computadores (PRIMO, 2007). Primo (2007) afirma que a Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam os processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e de circulação de informações e de construção social de conhecimento como o apoio da informática. O autor (2007) menciona O'Reilly (2005 apud PRIMO, 2007, p. 3), que acrescenta que o aprimoramento dos serviços da Internet devido ao aumento do número de usuários está entre os preceitos da Web 2.0.

Entre os fatores que permitiram o desenvolvimento do webjornalismo participativo estão a evolução das tecnologias digitais com a ampliação ao acesso à Internet e com a queda dos custos dos computadores e da conexão de rede, a popularização dos dispositivos móveis que permitem a divulgação dos acontecimentos em tempo real como os celulares e as máquinas fotográficas, o surgimento de ferramentas que simplificam a publicação de conteúdos e a cooperação entre os usuários como os blogs e as wikis e também a insatisfação da audiência com a qualidade do jornalismo tradicional (PRIMO; TRÄSEL, 2006).

Especificamente sobre o descontentamento com a grande imprensa, Brambilla (2003) afirma que, em meio aos prazos enxutos, aos constrangimentos das rotinas produtivas e às necessidades de satisfazer tanto os interesses publicitários quanto os interesses políticos, os jornalistas parecem ignorar que os pressupostos da profissão estão relacionados ao público. A autora (2003) cita Wolf (1992 apud BRAMBILLA, 2003, p. 9), que acrescenta que, mesmo com as pesquisas sobre o seu perfil, os seus costumes e as suas preferências, os jornalistas pouco conhecem e pouco desejam conhecer o seu público. De acordo com Brambilla (2003), no jornalismo participativo na Internet, a notícia é livre para ser apropriada, lida e distribuída de acordo com as visões particulares que possam enriquecer os relatos e é produzida por diferentes pessoas e com diferentes objetivos, de modo a auxiliar a compreensão dos acontecimentos pela sociedade.

Primo e Träsel (2006) afirmam que não são raras as reclamações de ativistas tanto à direita quanto à esquerda sobre a imparcialidade da mídia ou o envolvimento dos meios de comunicação com os interesses comercias e as queixas de leitores sobre os erros ou as imprecisões das reportagens. Os autores (2006) acrescentam que, com as tecnologias digitais, o público pode empreender esforços individuais ou esforços coletivos para produzir as suas próprias informações sem precisar recorrer às cartas, aos telefones ou às publicações caseiras para expressar os seus pontos de vista. Segundo Primo e Träsel (2006), o webjornalismo participativo é o conjunto de práticas desenvolvidas em um periódico na Internet, em que a fronteira entre a produção e a leitura de notícias não pode ser claramente demarcada ou não existe.

Entre os esforços coletivos mencionados por Primo e Träsel (2006), está a Wikinews, projeto análogo à Wikipédia fundado pelo Movimento Wikimedia que pretende criar uma fonte de notícias livres por meio de uma comunidade colaborativa de voluntários. Disponível em mais de 30 idiomas, a Wikinews entrou em funcionamento com a versão

inglesa em 2004 e com a versão lusófona em 2005. Assim como a Wikipédia, a Wikinews é uma plataforma wiki, cujo nome é um termo havaiano que significa rápido e que é usado para designar uma coleção de documentos em hipertexto que fornece suporte à produção colaborativa de conteúdos a partir de um browser (RAMALHO; TSUNODA, 2007).

Papel do Jornalista no Webjornalimo Participativo

Bradshaw (2007 apud D'ANDRÉA, 2009, p. 2), ao propor a taxonomia para as práticas do chamado wiki-jornalismo, levou em consideração critérios como a possibilidade de o público propor a pauta a ser desenvolvida e a necessidade de o profissional iniciar e finalizar a matéria a ser produzida, o que corresponde às etapas da produção de conteúdos jornalísticos como a pauta, a redação e a edição, as quais podem ser compartilhadas ou delegadas a membros externos à redação nas plataformas wiki. Inclusive, a fragmentação dos relatos e a pluralidade das vozes são características marcantes da produção de conteúdos jornalísticos na atualidade, uma vez que o modelo consolidado na era da comunicação de massa, em que a produção e a disseminação de notícias eram restritas a poucos veículos e a poucos profissionais responsáveis pela elaboração de produtos acabados como os jornais e as revistas, é influenciado por um fluxo disperso e ininterrupto de informações produzidas para, na e à revelia das redações (D'ANDRÉA, 2009).

> Neste contexto, veículos e profissionais da área tendem a buscar meios de aproximar ou mesmo integrar novos recursos e atores às práticas e rotinas do campo jornalístico. Estas práticas e rotinas, por sua vez, têm passado na última década por constantes transformações. Impactadas pela informatização e pelo enxugamento do quadro de jornalistas (fenômenos interligados, mas não necessariamente causa e consequência), as redações jornalísticas têm hoje processos internos menos hierarquizados. A possibilidade de publicação de notícias 'em tempo real' na internet acelerou uma tendência de 'autopublicação' do conteúdo pelo repórter, marcada por erros que poderiam ser evitados por um revisor ou editor e pela liberação apressada de matérias que, minutos depois, serão substituídas por outras e outras, gerando uma fragmentação excessiva do texto jornalístico. (D'ANDRÉA, 2009, p. 2-3)

De acordo com D'Andréa (2009), que entende o jornalismo participativo como a coparticipação da audiência em uma ou mais etapas da rede de produção jornalística, como a elaboração de pautas, a apuração, a redação, a edição e / ou a hierarquização das matérias, a possibilidade de interferência do público no processo de produção de notícia interfere tanto nas rotinas quanto no papel ocupado pelos jornalistas nos meios de comunicação de

massa. Segundo Bowman e Willis (2003), que definem o jornalismo participativo na Internet como o ato de um cidadão ou de um grupo de cidadãos de desempenhar um papel ativo no processo de coleta, reportagem, análise e divulgação de notícias com o intuito de fornecer as informações independentes, confiáveis, precisas, amplas e relevantes que a democracia necessita, a profissão passa por um momento em que a sua hegemonia é abalada.

> A venerável profissão do jornalismo se encontra em um raro momento na história onde, pela primeira vez, sua hegemonia como detentora das notícias é ameaçada não apenas por novas tecnologias e competidores mas, potencialmente, pela audiência que serve. Munida de ferramentas de fácil publicação na web, conexões ativas 24 horas por dia e dispositivos móveis cada vez mais poderosos, a audiência online tem os meios para se tornar uma participante ativa na criação e disseminação de notícias e informação. (BOWMAN; WILLIS, 2003, p. 7)

De acordo com Fonseca e Lindemann (2007), a principal característica da nova modalidade de produção de notícia é a superação do típico modelo transmissionista emissor - meio - mensagem - receptor, uma vez que a ideia da participação é descentralizar a emissão, possibilitando que o receptor atue como o emissor da mensagem e, consequentemente, que o espaço público abra mais espaço para mais vozes. Segundo Pena (2006 apud FONSECA; LINDEMANN, 2007, p. 91), se no jornalismo tradicional as decisões dos jornalistas como *gatekeepers*, mediadores ou selecionadores de notícias eram influenciadas mais por critérios profissionais ligados às rotinas de produção como a noticiabilidade, a falta de espaço, a repetição de informação, a qualidade do material, aos interesses publicitários, entre outros fatores, no jornalismo participativo os cidadãos repórteres não possuem a mesma cautela jornalística ou a mesma cautela comercial com o conteúdo publicado.

Entre as mudanças que as tecnologias digitais podem trazer para o jornalismo tradicional estão a substituição do que David White chamou de *gatekeeping* pelo que Axel Bruns chamou de *gatewatching*. O *gatewatching*, que tem a ver com a ideia de que existem portões de informações controlados por profissionais responsáveis por filtrar os fatos que serão publicados de acordo com os critérios de noticiabilidade dos meios de comunicação, emerge em um contexto em que os leitores podem tangenciar os jornalistas devido ao acesso fácil às fontes primárias das informações e em que tanto a quantidade de informação quanto a disponibilidade de espaço na Internet podem criar a necessidade de avaliar em vez de descartar as notícias (PRIMO; TRÄSEL, 2006).

> [...] online os portões estão nas mãos dos produtores de informação (no limite, qualquer um que publique um website com informação com potencial valor de notícia), bem como nas mãos do usuário final, que navegando pela web age constantemente como seu próprio *gatekeeper* — mas não necessariamente com as organizações midiáticas de notícias. (BRUNS, 2003 apud PRIMO; TRÄSEL, 2006, p.44)

De acordo com Bruns (2011), o *gatewatching* não é novidade. Os jornalistas utilizam práticas semelhantes quando escolhem entre os conteúdos fornecidos pelas agências de notícias como a brasileira Agência Estado, a espanhola EFE ou a britânica Thomson Reuters as matérias que possuem valor-notícia para o meio de comunicação para o qual trabalham. Entretanto, segundo o autor (2011), no contexto do jornalismo participativo na Internet, a atividade que era de responsabilidade de um grupo seleto de jornalistas com acesso privilegiado às informações também passa a ser de responsabilidade de uma multidão de usuários com interesses diversos, o que permite que mais pautas sejam consideradas e que mais matérias com valor-notícia sejam destacadas.

> Atualmente, os jornalistas fazem parte de uma gama crescente de grupos e atores sociais envolvidos com as notícias; audiências, ou mais apropriadamente, usuários de notícias, são cada vez mais capazes de até ignorá-los totalmente para acessar informações de primeira mão de uma variedade de outras organizações e fontes. Daí, os jornalistas terem que trabalhar mais duro para mostrar o valor agregado que fornecem para os usuários das notícias, através dos seus esforços de investigação profissional, *curation* e comentários [...]. Estes públicos não existem em um único espaço qualquer da mídia nem em uma única plataforma qualquer da mídia, porém transcendem e se espalham por todos estes espaços, entrelaçando-se entre si, como eles fazem. As organizações noticiosas poderão continuar controlando a agenda das notícias nas suas próprias publicações, mas é improvável que fomentem mais alguma vez o debate público por todo este ambiente complexo e multifário da mídia. (BRUNS, 2011, p. 136-137)

Credibilidade

Conforme Fonseca e Lindemann (2007), é preciso levar em consideração os prós e os contras do aumento da participação do público no processo de produção de notícia por meio das plataformas de webjornalismo participativo.

> Considera-se positivo o fato de oportunizar aos internautas a colaboração com a produção jornalística, no papel de *gatekeeper*s, pois podem cobrir um vácuo deixado pela mídia tradicional de massa. Em contrapartida,

> questiona-se até que ponto qualquer pessoa pode interferir nesse processo. Como o "jornalista-vigia" sustentará a credibilidade do seu trabalho se tem nas mãos conteúdos encaminhados por desconhecidos, a maioria leigos no campo jornalístico? Eis aí uma tecla bastante batida pelos defensores do jornalismo tradicional e que parece estar sendo esquecida pelos profissionais – talvez pela comodidade do trabalho colaborativo (poupa tempo, dinheiro e traz agilidade), talvez pela concorrência ("ora, se os outros fazem, por que ficarei para trás?"), ou até mesmo pela ideia fixa de democratização, que sempre foi um dos objetivos do jornalismo e, conforme acreditam alguns autores, vem sendo sustentada mais do que nunca com a Internet. (FONSECA; LINDEMANN, 2007, p. 91-92)

Como contam com a colaboração do que Fonseca e Lindemann (2007) chamam de leigos no campo jornalístico, as plataformas de jornalismo participativo na Internet podem provocar desconfianças sobre os conteúdos publicados devido aos possíveis erros e aos possíveis atos de vandalismo. Primo (2007) afirma que a participação do público no processo de produção de notícia pode motivar a intervenção de múltiplas vozes no conteúdo, mas também pode abrir espaço para vandalismos, confusões e erros de informação ou para mau uso da ferramenta. Entretanto, o autor (2007) acrescenta que os desequilíbrios nas plataformas de jornalismo participativo na Internet dependem do aperfeiçoamento do trabalho coletivo.

Entre os mecanismos para evitar os vandalismos na Wikinews, estão o histórico e o recurso vigiar que permitem os usuários monitorarem as alterações realizadas nas matérias e o status de administrador que garante aos editores poderes de julgamento sobre os artigos e sobre os colaboradores com a possibilidade de bloqueá-los ou até de excluí-los. De acordo com Primo e Träsel (2006), a política das wikis é corrigir os problemas e esperar que os vândalos se cansem.

> O Wikinews não conta com moderação. Os colaboradores são deixados à vontade para publicar notícias ou intervir nos textos publicados por outros. Cada notícia tem um histórico de modificações e pode ser revertida para versões anteriores, em caso de algum interagente acrescentar erros ou distorções, ou ainda quando há vandalismo. A maior parte do trabalho de verificação e correção é feita pelo conjunto dos colaboradores, todos na mesma posição hierárquica. Existem administradores de sistema para cada língua em que exista uma versão do Wikinews, mas seu papel é principalmente manter as ferramentas funcionando ou intervir em casos extremos de vandalismo. Se algum internauta estragar notícias de forma reincidente, pode ter seu acesso ao Wikinews bloqueado. No entanto, a política dos sistemas wiki em geral é corrigir os problemas e esperar que os vândalos se cansem. (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 52)

Segundo Primo (2009), a partir de recursos da Web 2.0, potencializa-se a livre criação e a organização distribuída de informações compartilhadas por meio de associações mentais, de modo a importar menos a formação especializada dos usuários individuais dos serviços da Internet. Baseados na Wikipédia, que possui funcionamento análogo à Wikinews, Primo e Recuero (2003) afirmam que as comunidades que usam a interação mútua para a organização em torno da discussão do conhecimento constroem uma visão grupal das informações durante um processo de negociação, levando em consideração diferentes pontos de vista. Os autores (2003) acrescentam que, por meio do espaço livre para o debate, a Wikipédia permite que os textos sejam de autoria da comunidade de colaboradores em vez de apenas um ou outro autor individual.

> Um temor que pode emergir diante de novos participantes é a possibilidade de outro voluntário alterar o texto que havia sido cuidadosamente escrito. É comum um autor entender que o texto que produziu era suficientemente adequado. Mas, como se viu, em um projeto coletivo um mesmo texto é de domínio de todos os participantes (atuais e futuros). Além de um produto, a Wikipédia é um processo. Ou seja, cada artigo pode ser articulado e rearticulado infinitamente. O compromisso, que se espera ser compartilhado, é de buscar oferecer a informação mais acurada possível. Nesse sentido, o trabalho grupal procura na cooperação e no cruzamento de dados o aperfeiçoamento progressivo dos verbetes. O processo coletivo pressupõe, pois, o espaço para o choque de ideias, para a sugestão de novos links, para a revisão conjunta de textos publicados. Ao debruçar-se sobre um mesmo conteúdo, o grupo precisa negociar diferenças, checar fontes e lapidar conceitos. A preocupação maior se desloca da proteção ao nome do autor para o cuidado com a informação, com o texto da comunidade. (PRIMO; RECUERO, 2003, p. 61)

Especialmente sobre a possibilidade de vandalismo na Wikinews, a ideia do que a ferramenta chama de cidadão jornalista tem a ver com a capacidade de os cidadãos contribuírem discernirem sobre as fontes das informações com o intuito de fazer com que a rede colaborativa de voluntários aprenda a verificar mais referências para confirmá-las ou negá-las. Para a produção de notícia de forma livre, transparente e independente, a Wikinews recomenda que os colaboradores não copiem e colem dados sem autorização, escrevam notícias em vez de artigos de opinião, contextualizem os acontecimentos para o público de diferentes países e citem as fontes de todas as informações. Entretanto, é importante lembrar que nos países de língua portuguesa a Wikinews está em sua primeira fase, em que são trabalhadas pequenas quantidades de notícias não originais, em uma espécie de resumo das informações publicadas anteriormente em outros meios de comunicação.

Conclusão

Os conteúdos produzidos sem a chancela de uma instituição ou sem o suporte de técnicas jornalísticas de apuração conduz à desconfiança da veracidade por uma sociedade habituada a esperar que o jornalismo seja o porta-voz do mundo real. Entretanto, o webjornalismo participativo é capaz de rever o próprio conceito de credibilidade a partir do momento que permite que todos os colaboradores expressem o que pensam sobre o assunto (BRAMBILLA, 2003). Citando Ramos (2005), Brambilla (2003) afirma que a confiabilidade é construída por meio de interações cotidianas e não consiste em um valor inerente a uma pessoa ou a uma marca. A autora (2003) acrescenta que a credibilidade é fruto de uma relação de dupla via e que a comunicação em rede é uma das melhores alternativas para possibilitar a troca entre os emissores e os produtores da informação.

> Quando Gillmor (2004) questiona se "serão os valores tradicionais compatíveis com a nova informação?", parece não haver dúvida na negativa de uma resposta. As dimensões de objetividade, imparcialidade e veracidade habitualmente exigidas da imprensa tradicional – cujo retorno é bastante questionável – reconfiguram-se à medida que a variedade de opiniões passa a valer mais do que o olhar único pretensamente objetivo. A possibilidade permanente de correção de uma notícia, por outro lado, é paga com o risco de se ler uma informação prematura, sem a apuração completa. Trata-se, portanto, de uma reformulação dos contratos de leitura pois, ciente de tais flexibilizações do noticiário, o interagente deve posicionar-se de maneira alerta diante do conteúdo e reafirmar seu papel de mediador pessoal entre a sua realidade e a mensagem que frui. (BRAMBILLA, 2003, p. 13)

Diferentes projetos de imprensa alternativa que marcam a história do jornalismo foram acompanhados de polêmicas sobre liberdade de imprensa e formação profissional (PRIMO; TRÄSEL, 2006). De acordo com Machado et al. (1987 apud PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 42-43), assim como o jornalismo participativo, o movimento das rádios livres que ganhou força nas décadas de 1960 e de 1970 na Europa e na década de 1980 no Brasil também defendiam que os acontecimentos fossem relatados pelas suas próprias personagens. Segundo os autores (1987 apud PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 42-43), era combatido "o mito da competência profissional" que previa que o acesso aos canais públicos deveria ser definido por critérios de autoridade e de prestígio, enquanto o "padrão técnico" e o "acabamento esmerado do produto" são celebrados como valores em si.

Entretanto, é justamente o "mito da competência profissional" que barrava e barra o acesso das comunidades diretamente à mídia. (PRIMO; TRÄSEL, 2006).

Primo e Träsel (2006) afirmam que a Internet tanto diminuiu os custos de produção e de publicação e aumentou a capacidade de difusão da informação quanto permitiu a circulação de diversos discursos, entre acadêmicos e profissionais, que temem a abertura do webjornalismo à audiência. Os autores (2006) acrescentam que se duvida da postura ética do cidadão repórter que não possui formação em jornalismo ou respaldo de um veículo reconhecido mesmo que os jornalistas profissionais e a grande imprensa não se encontrem livres de falhas e ações de má fé.

Entretanto, Primo e Träsel (2006) entendem que os grupos de comunicação vêm aprendendo a conviver com leitores munidos de ferramentas como as tecnologias digitais para publicar a informação por conta própria e que a participação do público pode trazer benefícios para as redações a longo prazo, com a possibilidade de erros, imprecisões e manipulações serem desestimulados pela perspectiva de que sempre haverá alguém disposto a desmascarar as falsas informações. Consequentemente, os autores (2006) entendem também que o jornalismo participativo não ameaça o jornalismo tradicional, uma vez os tomadores de decisão não podem se basear somente em informações publicadas por internautas frequentemente anônimos.

> E quanto a valores como imparcialidade e objetividade, que são ainda defendidos no contexto massivo e nas escolas que formam profissionais para o jornalismo tradicional? Ora, o pequeno número de periódicos impressos ou emissoras de rádio e televisão parecem justificá-los. Já na Internet, com tamanha oferta informacional e com o espaço de publicação praticamente infinito, cresce a demanda por materiais que vão além do mero relato. Nesse sentido, mais uma vez insiste-se que o webjornalismo participativo não é uma ameaça ao jornalismo tradicional ou ao próprio webjornalismo e sim mais uma opção na oferta de notícias, e que cria novo relacionamento dos sujeitos com o noticiário (PRIMO, TRÄSEL, 2006, p 53-54).

Considerando os seus riscos e as suas promessas, são válidos os esforços de acompanhamento e de análise da evolução e da contribuição social do aumento da participação do público no processo de produção de notícia. (PRIMO; TRÄSEL, 2006). De acordo com Gillmor (2005 apud BRAMBILLA, 2003), os medos que a mudança na lógica comunicacional tradicional provocam são riscos necessários para que o modelo midiático evolua, de modo que o jornalismo participativo pode trazer mais benefícios que prejuízos, contanto que o compromisso com a verdade não seja perdido. Segundo o autor (2004 apud

BRAMBILLA, 2003), o noticiário produzido para as pessoas e pelas pessoas surge de uma combinação de fatores que denunciam um desgaste do modelo de comunicação de massa e legitimam a audiência como a autora de uma mensagem cada vez mais heterogênea e plural.

> Uma filosofia de código aberto poderá produzir melhor jornalismo só por ser aplicada, mas trata-se apenas do início de um fenómeno mais abrangente. No jornalismo coloquial (...), o primeiro artigo pode ser apenas o início de uma conversa em que todos poderemos instruir-nos mutuamente. Podemos corrigir os nossos erros. Podemos acrescentar novos factos e explicações diferentes. (GILLMOR, 2004, apud BRAMBILLA, 2003, p. 10)

Para Gillmor (2005 apud PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 54), o jornalismo deve caminhar para se transformar de uma palestra do profissional detentor da verdade em um seminário como a audiência comporta de diferente pessoas que possuem diferentes saberes.

> Tudo se resume algo de muito simples: os leitores (ou telespectadores, ou ouvintes) sabem mais do que os profissionais dos media. Uma verdade por definição: eles são muitos e nós, nas mais das vezes, somos um só. Necessitamos de reconhecer o que é óbvio e, no melhor sentido da palavra, valer-nos dos conhecimentos deles. Se o não fizermos, mal os nossos antigos leitores verificarem que não têm de contentar-se com informações mal cozinhadas, poderão decidir irem eles mesmos para a cozinha. (GILLMOR, 2005 apud PRIMO, TRÄSEL, 2006, p 54-55)

Referências Bibliográficas

BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. **We the media:** how audiences are shaping the future of news and information. Reston: J.D. Lasica, 2003. cap. 1, p. 7-14. Disponível em: <http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2016.

BRAMBILLA, Ana Maria. Jornalismo open source em busca de credibilidade: como funciona o projeto coreano OhmyNews International. In: Intercom 2005 – XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 09, 2005, Rio de Janeiro. Anais… Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos.htm>. Acesso em: 04 jul. 2016.

BRUNS, Axel. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 7, n. 11, p. 119-140, 2011. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342>. Acesso em: 04 jul. 2016.

D'ANDRÉA, Carlos. Colaboração, edição e transparência: desafios e possibilidades de uma "wikificação" do jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 5, n. 1, 2009. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/193>. Acesso em: 04 jul. 2016.

FONSECA, Virgina; LINDEMANN, Cristiane. Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas. **FAMECOS:** mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 1, n. 34, p. 86-94, 2007. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3457/2719>. Acesso em: 04 jul. 2016.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, Brasília, v. 9, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/153>. Acesso em: 04 jul. 2016.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel. Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas. **FAMECOS:** mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 54-65, 2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3235/2496>. Acesso em: 04 jul. 2016.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo**, Niterói, n. 14, p. 37-56, 2006. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/512>. Acesso em: 04 jul. 2016.

RAMALHO, Leiridiane; TSUNODA, Denise Fukumi. A construção colaborativa do conhecimento a partir do uso de ferramentas wiki. In: VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007, Salvador. Anais… Salvador, 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--240.pdf >. Acesso em: 04 jul. 2016.

WIKINOTÍCIAS: Missão. Disponível em: <https://pt.wikinews.org/wiki/Wikinotícias:Missão>. Acesso em: 04 jul. 2016.

WIKINOTÍCIAS: Propor uma notícia. Disponível em: <https://pt.wikinews.org/wiki/Wikinotícia:Propor_uma_notícia>. Acesso em: 04 jul. 2016.